



# Gaiato

12 DE JULHO DE 1969  
ANO XXVI — N.º 661 — Preço 1\$00

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO ★ PAÇO DE SOUSA  
PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA ★ DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS

FUNDADOR: Padre Américo

VALES DO CORREIO PARA PAÇO DE SOUSA ★ AVENÇA ★ QUINZENÁRIO  
COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRÁFICAS DA CASA DO GAIATO

## 16 de Julho

**E**STA, com a da sua ordenação sacerdotal em 28 de Julho, são, certamente, as datas que mais nos falam de Pai Américo.

A Missa da Comemoração de N. Senhora do Carmo, começa com um «gaudeamus in Dómino...», que é um convite e um preságio; e dá o tom à nossa celebração.

Neste dia, Pai Américo nasceu para o Céu: Alegremo-nos, pois, no Senhor! Deixemos os «velhos do Restelo» com os seus solilóquios; os homens que, ao convite de «corações ao alto», não podem responder com verdade: «assim os temos para o Senhor». Uns e outros continuarão debitando estafadamente a sua prosa com o «saudosos», o «malogrado»... e outros adjectivos do reportório comum que qualificarão quem quer que seja menos a quem pretendem qualificar.

Pai Américo é um homem plenamente realizado. A morte foi o pórtico do seu triunfo — triunfo eterno de uma vida temporal vitoriosa. Vitória sobre o Mundo. Não contra, mas a favor do Mundo que Deus fez e é bom, expurgado das deturpações e entorses que os homens lhe produzem.

Pai Américo amou o Mundo que Deus fez — e alguns se armaram em juiz e proferiram sentenças de «naturalista».

Hoje, importará mais, decerto, esclarecê-lo dos «comprometidos com o temporal», porque Pai Américo guardou ciosamente, como a pérola preciosa que vale todas as mais, a sua liberdade, a sua independência de tudo que não tem valia na Eternidade. Passou no Mundo, amando-o, como Nosso Senhor fez e mandou. Mas não foi do Mundo. Amou-o porque ele é bom; porque Deus o fez afim de que na vida os homens preparassem e merecessem a Vida. Este é o valor do Mundo em ordem à Eternidade — a razão única e autêntica da bondade de que Deus o impregnou.

Portanto não há cotação possível entre o que passa e o que permanece. A morte do justo é uma riqueza para o que entra na Vida e também para o seu Próximo que fica ainda na vida. A morte não distancia, não separa os que se amam em verdade. Aos olhos dos insipientes tudo parece perdido... Mas nunca uma presença é tão penetrante, como quando, purificada de tudo o que é carnal, se cinge à sua dimensão espiritual.

Também a Igreja de Deus é só uma, ainda que, enquanto durar o tempo, repartida por três Assembleias: a Triunfante, assentada já à mesa com o Pai; a Padecente, sofrendo a dilacção deste convívio face-a-face; a Militante, sofrendo mais: a incerteza da luta; certa, porém, de que a vitória coroará os que acertarem lutar até ao fim!

Na Família de Deus, a morte não separa, pois, nem distancia os membros dela que se amam em verdade.



Pai Américo nasceu para o Céu... e nós nascemos para a Igreja — alegremo-nos! E que ele, advogado nosso junto da Misericórdia do Pai Celeste, sempre pronto e desejoso de render-Se, nos ajude a suplicar-Lhe que incendeie o nosso ideal e nos obtenha a coragem divina para cumprirmos, como sobretudo nos compete, a sua última vontade, a sua palavra de ordem: «A minha Obra começa quando eu morrer».

### Aqui, LISBOA

«A criança não deve ser admitida num emprego antes de ter atingido uma idade mínima apropriada; de qualquer modo nunca deve ser admitida ou autorizada a tomar uma ocupação ou um emprego que seja nocivo à sua saúde ou à educação, ou que entrave o seu desenvolvimento físico, mental ou moral». (Da «Declaração dos Direitos da Criança»).

A legislação geral do trabalho que temos à nossa frente está perfeitamente de acordo com as directrizes enunciadas. Simplesmente todos sabemos como na prática as boas intenções são frustradas pela ganância e pela falta de escrúpulo de muitos. Daí a necessidade imperiosa duma fiscalização apertada em ordem à observância daquilo que as leis determinam. Uma mentalidade à maneira dos primórdios da era industrial, com o seu cortejo de violências e de abusos, sobretudo nas fabriquetas ou pequenas empresas, ainda é norma entre nós, sobretudo, mas não só, no que diz respeito a trabalho sem especialização, de crianças e de mulheres. Ambientes lúgubres e sem as mínimas condições higiénicas,

horários pesados, retribuições mais do que modestas, ausência dos mais elementares princípios morais quer na linguagem quer nos exemplos, etc., — eis alguns aspectos que se poderão apontar como contrários aos princípios apontados.

A lei prevê que não poderão ser admitidos a prestar qualquer espécie de trabalho os menores que, pelo menos, não hajam completado 12 anos de idade. Fala-se também, pelo menos nalguns contratos colectivos de trabalho, em exame médico destinado a comprovar a robustez física dos candidatos. Infelizmente sabemos que, em muitos casos, nem os limites de idade são respeitados, nem os exames médicos se realizam, quanto mais não seja por falta de centros adequados para o efeito. Na prática, muitos vão furtando à acção fiscalizadora das entidades competentes os menores ao seu serviço, aproveitando o seu trabalho «clandestino» e realizando com salários mais baixos o que, em muitos casos, deveria ser realizado por meios oficiais. Trata-se, como é evidente, duma forma de exploração.

Continua na QUARTA página

## Lourenço Marques

Uma faceta da Obra ainda não realizada entre nós é o amparo moral e material ao Pobre, sobretudo ao mais necessitado. A seu tempo há-de haver nesta Casa uma Conferência Vicentina para que os rapazes possam distribuir por suas mãos daquilo que nos dão e, indo ao encontro dos Pobres, não esqueçam o berço onde nasceram nem cresçam no orgulho e soberba se algum dia vierem a ter bens deste

mundo, porque as sobras do irmão rico pertencem ao irmão pobre. No entanto, estamos atentos e procuramos fazer nossos os problemas da gente da rua num testemunho de amor à terra, respeito pelos homens, fome e sede de justiça social. É tarefa muito rasteirinha que por vezes só Deus conhece, mas de que nos sentimos recompensados quando acreditam na nossa sinceridade. Há dias bate-

ram aqui à porta dois vizinhos a pedir orientação e ajuda para construir um a casa. Têm o seu dinheiro poupado e guardado de há muito a pensar nela. Entreguei-os ao Quim, nosso mestre de obras para aclararem o assunto e ver bem como e até onde podemos dar-lhes a mão. Ainda serão raros casos semelhantes, porque tendo aqui 3 pedreiros, bons profissionais, muito os temos doutrinado; e

eles, que ganham melhor e têm a arte a favor, não aceitam, embora reconheçam que fariam bem. Já é mais aceitável a sua atitude que a daqueloutro que respondeu: «quando branco fôr embora tem casa para todos». Ai de nós se não houvesse uma acentuada evolução na maneira de o africano encarar o problema e ai daqueles cuja mentalidade é in-

Continua na 4.ª página

# PELAS CASAS DO GAIATO

## BENGUELA

**NOTA DE LEMBRANÇA** — As Casas do Gaiato fizeram-se para serem uma obra de Deus a favor dos homens, para os sem família; digo também: uma obra de homens ao dispôr da nossa Nação. Aqui em Benguela temos momentos de tudo, momentos de alegria e também momentos de grande tristeza; tristezas essas que é de lamentar! não serem vividas por todos quantos nos rodeiam. O número dos nossos Rapazes é de 100, isto é: centenas de rapazes, aproveitados à sociedade, serão um dia os homens de amanhã. Dizia eu momentos antes que temos momentos de tudo. Muita gente não compreende as grandes dificuldades que nos surgem, quase dia-a-dia; por exemplo: o problema do dinheiro. Nós ao sábado fazemos o levantamento de algum dinheiro que temos, mas quantas vezes queremos fazê-lo e encontramos quase despidos. Não julguem que a banana é uma mina, porque metade do dinheiro dela é para pagarmos os cartões à A.P.I. de Luanda. Essas famílias que têm 4 ou 5 filhos digam quanto é que gastam mensalmente para o sustento desses mesmos. E nós, uma família de 100!? Em resumo: queridos amigos Benguelenses, Lobitenses, e numa palavra só: todos os amigos. — Existe uma Casa do Gaiato no Cavaco que espera a vossa ajuda.

**A NOSSA BATATA** — já tem a rama bem alta, oxalá a colheita seja em abundância.

**AS NOSSAS OFICINAS** — As nossas oficinas estão de parabéns. É notório o esforço e o interesse de cada uma delas. Os trabalhos para fora continuam, mas também digo que em primeiro lugar continuam a trabalhar para dentro, pois as nossas escolas estão já pedindo a colaboração das duas oficinas mais importantes, que são a Carpintaria e a Serralharia.

Sem mais um Adeus de agradecimento.

António Augusto

## TOJAL

É a primeira vez que escrevo para «O Famoso». Os melhores cumprimentos para os queridos leitores.

**Obras** — Estamos a fazer esforços para acabarmos a casa-mãe até ao fim do ano. Desde os maiores aos mais pequenos todos trabalham. É um grande sonho que gostaríamos de ver realizado. Nós damos o melhor do nosso esforço e os senhores, na medida das vossas posses, podem ajudar na compra de muito que é preciso. Obrigado em nome de todos.

**Campo** — Podemos dizer que comemos, em certa medida, o pão com o suor do nosso rosto. Depois das oficinas e das obras temos sacado as batatas, colhido favas e ervilhas, apanhado cebolas e alhos mondando o grão, etc. Como vemos não estamos parados e não deixamos de fazer pela vida.

As coelheiras, a vacaria, as picilgas, os aviários, os pomares e outras culturas também recebem o nosso esforço.

**Tipografia** — É a única oficina disponível para trabalhos para fora. As outras estão ocupadas com a construção na nova Aldeia. Podem mandar trabalhos para a tipografia. Trabalhamos bem. Com o trabalho ajudamo-nos e à Casa também.

**Discoteca** — Está montada. Embora modesta é motivo de agrado. Os gostos são variados e, por isso, pedimos a vossa colaboração no seu enriquecimento.

**Livros** — Somos muito preguiçosos na leitura. Agradecemos todavia livros bons para a nossa biblioteca.

**Futebol** — Estamos em baixo de forma. Há qualquer coisa que não corre bem. Esperamos melhores tempos. No entanto, se alguma equipa quiser vir até nós, é só dizer.

**Ultramar** — Chegaram o Vitorino e o Rogério. Foi o Álvaro. É um vai-vem. Graças a Deus não tem havido nenhum mal para os nossos Rapazes que têm servido a Pátria no Ultramar. Não os esquecemos nas nossas orações.

**Guardanapos e toalhas** — A senhora diz que também somos gente. Realmente é verdade. Para a inauguração do novo refeitório precisamos de 25 senhoras que nos arranjam outras tantas dúzias de guardanapos e toalhas para as 25 mesas, que têm um metro de diâmetro. Podem ser variadas. Dar aos Rapazes um guardanapo, também é obra de educação e moralizante. A senhora vai ficar contente e nós muito gratos. Até vai dar gósto!

**Convite** — Venham até nós. «Somos a porta aberta». Quanto mais nos conhecemos mais nos podemos amar. E não há nada melhor do que vermos as coisas com os próprios olhos.

Xavier

Há uns dias tivemos a honra de sermos visitados pelo Sr. P.e Videira Pires que veio acompanhado por uma equipe de reportagem da Rádio Televisão Portuguesa.

O Sr. P.e Videira Pires apresenta todos os domingos ao princípio da tarde o programa «O Dia do Senhor».

O Sr. Padre já era conhecido cá em Casa porque nós todos os domingos víamos o seu programa e aquela figura simpática, de uma entoação de voz bem característica em que as palavras são bem pronunciadas.

Todos, ou quase todos os sectores da vida da nossa Casa foram captados por aquela equipe. Aqui e além o Sr. P.e Videira Pires colhia impressões sobre tudo o que se passava cá em Casa e sobre os nossos problemas, que são muitos.

No dia 23, dia que os rapazes não esquecerão e no qual foi apresentado o programa, para o qual os repórteres se deslocaram cá, viveram-se momentos de verdadeira euforia. Todos almoçaram mais depressa que o costume. Quando se ligou o aparelho o programa já estava quase a começar. Na sala havia nervos por todo o lado e os bancos não paravam quietos, pois todos procuravam as melhores posições. Passados momentos, sempre nesta agitação, o programa começou e apareceu um locutor já conhecido por toda a gente para apresentar uma rubrica que não tinha nada a ver com a nossa Casa. Ouvi-se um rumor na sala e todos começaram a balbuciar palavras



Bananeiras na margem direita do Infulene — vistas da ponte.

ininteligíveis que protestavam, pois pensavam que ainda não era desta vez que viam aparecer na Televisão as suas lindas figuras. Mas não era assim e a reportagem sobre a nossa Casa começou. Primeiramente surgiu uma imagem do nosso Pai Américo, imagem essa que é uma fotografia colocada na parede do nosso refeitório.

Houve uma entrevista com o nosso chefe e sub-chefe e uma com quatro Batatas. Todos estas imagens e as outras, que preencheram o filme, provocaram delírio em todos nós. Como não podia deixar de ser o nosso P.e Luíz também foi interrogado. Como o responsável que é por esta Casa é quem melhor sabe dos seus problemas, das suas necessidades, etc.

Agradecemos ao Sr. P.e Videira Pires e à R. T. P. por terem incluído a representação de toda a Obra, neste programa de actualidades religiosas, pois foi a única maneira de estarmos presentes em casa dos que não nos conhecem ainda.

Mário Fernandes

## CALVÁRIO

**Enganos** — Muitas cartas ou em comendas antes daqui chegarem andam a «passar» de terra em terra. Confusões ou até mesmo falta de uma simples letra, quando não é de um nome, têm motivado enganos ou desvios. Por falar em nomes: Não é novidade ao afirmarmos a grande variedade deles aqui existentes. Ora aconteceu esta anedota: — Para um nome que aqui existe veio parar a esta Casa uma carta. Como a dita pessoa não sabe ler, de boa fé, alguém abriu a dita para lhe ler o que a carta continha.

Qual não foi a risota por ela desencadeada! É que a pessoa em questão, já avançada na idade, quase ia sendo apanhada com uma declaração amorosa!

Ora vejamos os senhores o que fazem os enganos!... Talvez seja oportuno relembrar o nosso endereço:

Calvário — Beire — Paredes (Douro)

**Não está certo!** — Que o Calvário seja um abrigo para pessoas que dele necessitam é lógico. Agora que os vizinhos se sirvam dos nossos recantos para alojarem, ou melhor, despejarem toda a espécie de lixo que não toleram em suas casas, não está certo, mesmo nada certo! Aonde existe o que nem para estrume serve é em sítios profundos onde pelo menos os ani-

mais não possam ir. É o que fazem aqui. Pois embora seja Casa de doença procura-se respeitar aqueles que têm saúde. Mas certas pessoas da vizinhança que nos rodeia nem sequer pensam na melhor maneira de respeitar quem aqui está.

Não está certo! Embora saibamos ser isto «bradar no deserto» queremos tornar eco que não é muitas vezes a negligência daqueles que procuram tornar este recanto agradável. E sobretudo dar um pouco de sanidade nos nossos pinhais e ruas.

E de quem a culpa? Não está certo enquanto não houver um mínimo de respeito de quem nos rodeia! Fiquemos por aqui... Já que não temos esperança que tal estado de coisas se modifique... Pelo contrário. A paga tem sido bem «recebida» em constantes surtidas a esses lugares. Não por actos de arrependimento pelo mal causado. Mas sim a causar danos nos mata-gais e pinheirais. Nem com muros... que não encobrem vergonha... Mas evitem muito maior «sem cerimónia» que exista!

Manuel Simões



O Alvaro de Jesus Miguel, (que foi do Tojal e Paço de Sousa) e esposa.

## Carta de um Soldado

A tropa tem aqui dois trabalhos muito importantes. Dizer que são difíceis é escusado, pois isso já todos sabem. Um, é dar luta aos bandos de terroristas que se acotam nas florestas; o outro, é recapturar a população civil indígena que está cativa desses mesmos terroristas.

Ora aconteceu recentemente termos tido uma operação aqui a uns 20 quilómetros para o sul, com as características exactamente iguais às já apontadas, isto é, dar luta ao inimigo e trazer gente do povo. Chegados lá, o inimigo não o vimos. Fez-se depois o cerco às culas, aprisionou-se quase uma vintena de pessoas, entre homens, mulheres e crianças, dando-se então aquilo que principalmente motiva este contozinho. Foi o encontro entre um dos nossos guias nativos e uma sua irmã! Ambos se abraçaram entre lágrimas de felicidade, consolando-se um ao outro por finalmente, após seis anos de separação, se acharem de novo juntos, vivos e sãos e fora das garras de tão traiçoeiro e cruel inimigo!...

Vêde, pois, que esta guerra, aliás, como qualquer outra, não é dolorosa apenas para nós soldados e para o inimigo... É também para este ingénuo e ignorante povo autóctone, intrinsecamente bom por natureza, que sofre, como todos nós, o desenfiado banditismo que indivíduos de pouca compreensão pretendem fazer crer que é pela causa da paz e da liberdade...

Orlando

## MIRANDA DO CORVO

**Exames** — Estamos a chegar ao fim de mais um ano escolar. Esperamos que haja boas provas; como também foi bom o trabalho dos estudantes.

Fizeram já exame da quarta, nas como adultos, o «Sobina» e o «Arnabé». Ficaram bem. E ainda vem, porque isto deu mais vontade aos outros que desejam passar de classe.

**OFICINAS** — Nas nossas oficinas estamos outra vez com falta de trabalho. Continuamos à espera das vossas encomendas, para vos servir o melhor que pudermos e sobermos. Por isso contamos convosco para não fecharmos as oficinas com falta de trabalho. Já sabem que nós fazemos tudo o que seja de serralharia, carpintaria e marcenaria.

Estamos no fim das festas. A última foi na Lousã. Tudo muito bom e muito bem. Já eramos conhecidos. Temos a dar aqui nota de como fomos recebidos em Cantanhede e Pombal. Cantanhede onde temos muitos amigos e onde já se vendeu «O Gaiato» durante muitos anos, era já tida como praça conquistada, como se costuma dizer. Por isso o salão dos Bombeiros ficou a transbordar de amor e entusiasmo. No fim, oferecemos um lanche que nós comemos com muito apetite, e trouxemos ainda para Casa.

Pombal, onde temos muitos amigos, ultrapassou o que nós esperávamos. Não há palavras possíveis para descrever o amor e o carinho com que fomos recebidos. No fim houve a dita merenda que nos foi servida num café. Trouxemos ainda muito para Casa.

Fonseca



CASA EL RAPAZES PARA RAPAZES, PELAS BATATAS

Um recado que o correio trouxe:

«Venho pedir-lhe o favor de me avisar, quando vier a Lisboa, para eu poder contactar com o Snr. P.e em qualquer dia, hora e local que lhe convenha.

Fui sempre uma grande admiradora da Obra e tive a grande honra de conhecer o Senhor P.e Américo logo no início da Obra em Paço de Sousa durante os 3 verões em que passei uma temporada em Entre-os-Rios com os meus Filhos; já lá vão 25 anos!

Já há muito que tenho um grande sonho referente à Obra que só agora tenho a possibilidade de realizar.»

Fui e, como mais conveio às minhas voltas, marquei dia, hora e local para o encontro.

A minha interlocutora esperava-me feliz. Ainda que problemas e dores não faltem na vida de ninguém, eu percebi que ela estava feliz.

Conversámos um quarto de hora, se é que chegou...! O bastante para nos apresentarmos e me revelar o seu «sonho, que só agora teve possibilidade de realizar».

Tudo discreto, simples, reli-

# NOTA DA QUINZENA

gioso, como um voto de amor que se cumpre.

O cheque já estava escrito. Faltava somente o nome em que deveria passá-lo.

Fê-lo. Dobrou-o. Entregou-mo. Guardei-o.

Tendo de sair, ofereci-lhe, timidamente, boleia na nossa carrinha grande, tão desconjuntada já pelos seus 240.000 Km. bem sobrecarregados. Aceitou, gostosa e simples como em tudo se mostrara.

Só depois de nos separarmos vi o cheque: quinhentos contos.

Não acontece todos os dias um donativo assim! Porém, o que revalorizou o seu quantitativo foi o contexto de delicadeza, de verdadeiro amor, em que nos foi transmitido. Por muito, muito menos, temos sido chamados em dia e hora marcada a determinado local para uma entrega altissonante. As vezes até mete discursos. A gente escuta, enfiado e, mais

enfiado ainda, tem de responder.

Aqui a «música de fundo» chama-se modéstia: mais sugerida que soada, canta as maravilhas da Caridade cristã. Durante a pequenina entrevista eu bem senti que a mais agradável era ela: agradecida a Deus que só agora, é certo, mas sempre a tempo, lhe deu a possibilidade de realizar o grande sonho.

Outro pormenor de muita grandeza: a incondicional entrega «para o que entender».

Senhor, nesta hora em que Te vínhamos lembrando a oportunidade de um alento muito sensível para acudirmos aos Pobres que querem cobrir as suas casas e darmos mais um bocadinho de asas aos nossos padres de África, especialmente ao nosso P.e Zé de Lourenço Marques, — obrigado pela Tua pronta resposta, tão eloquente, tão silenciosa!



Chega o correio e há alvoroço cá em Casa. É natural que assim seja. Todos gostam de receber cartas. Elas são um meio de comunhão entre os homens. E os homens foram feitos para viver a comunhão uns com os outros. O alegrar-se com os que se alegram; o chorar com os que choram — é o sinal sensível da amizade verdadeira. E tornar os homens amigos é derrubar tudo o que divide; tudo o que pode separar os homens uns dos outros.

O dinheiro, como todos os bens, é espada de dois gumes. Pode separar e pode unir os homens. Pode ser fonte de progresso ou pode ser causa de ruína. Uma sociedade diz-se progressiva na medida em que os seus membros participam dos bens dessa sociedade. Quanto mais, mais para todos.

Estas notas vêm a propósito de uma carta linda que o correio trouxe há poucos dias: «Aqui vai a minha participação do ano corrente para a nossa Obra da Rua. Peça, e mande pedir comigo ao Senhor que aceite esta oferta e que a mesma tenha o mérito de ser inscrita, a meu favor, de minha mulher e da Empresa que dirijo, no livro de DEVE e Haver que Deus tem com Ele, de tal modo que quando acabar a minha peregrinação por cá, venha a encontrar os pratos da balança do BEM e do MAL de tal modo equilibrados que mereça ser

separado para a direita do Senhor.»

x x x

As nossas Obras: É a escola, neste momento, a menina dos nossos olhos. São três salas de aula. Quando estas notas saírem para a rua, a placa estará em cima das paredes. E os carpinteiros andarão às voltas com a esquadria. Depois, as carteiras. Já sei onde está a máquina de dobrar o tubo para



A serralharia da nossa Casa de Benguela — à conta do Manuel Plaio.

elas. Quem me dera poder trazê-la já, mas falta ainda o dinheiro. Não-de ser feitas nas nossas oficinas. Queria mostrar tudo com fotografias, mas ainda não temos máquina fotográfica. Nem a de fazer contas... Esperamos.

x x x

Festas: Começou o rodopio por causa delas. Um dos dormitórios, à falta de melhor, foi transformado em sala de ensaios. Conheço só por alto o programa, porque nos pormenores não me deixam meter nariz. Eles é que sabem e fazem. Vamos marcar datas para o «Monumental» de Benguela e «Imperium» do Lobito, onde esperamos contar com as portas abertas como nos demais anos. Vão-se prevenindo para os princípios de Agosto.

Padre Manuel António

**Donativos** — A anterior local despertou um pouco de mais interesse entre os nossos Amigos. É assim «O Gaiato»! Basta lançar um discreto S. O. S. para vir gente dos quatro quadrantes aliviar dores — as dores dos nossos Pobres.

Abre a assinante 16951 com uma nota de 100\$00, junta a um «bolo» repartido pelo «Famoso» e Editorial. O mesmo de Agrelas — Vizela, pois não quer ficar no «rol dos esquecidos» ou dos que se fazem esquecidos». Nesta época, a observação deste amigo é oportuníssima. Mais 40\$00 de uma velha amiga de Braga. Basta o Senhor e nós saber quem é. O dobro da Quinta do Aireiro — Coimbra, no meio doutro «bolo» repartido por muitas secções da nossa Obra. E o mesmo da conhecida assinante 17022. E uma «multa de 20\$00 aplicada a dois dos nossos, em benefício dos Pobres». Mas que rica multa!... «Por alma de Tereza Joaquina» 50\$00 depositados no Espelho da Moda. Mais 20\$ da perseverante A. F., com residência em Gaia. Metade da Rua dos Álamos — Porto. Mais uma presença da assinante 17740 — que nunca

## Notícias da Conferência de Paço de Sousa

falta! «O que sobrar (30\$00) para a Conferência de Paço de Sousa porque no dia de Santo António meu querido Marido, que Deus tenha em Sua Glória, fazia 68 anos. Legenda cristã! Mais 25\$00 de uma estimada Cliente da nossa Tipografia, de Rio Tinto. E é tudo. No entanto, tornamos a lembrar os bons Amigos que o nosso endereço simples: CONFERÊNCIA DE PAÇO DE SOUSA. Tudo quanto tiverem a bondade de nos remeter, ver assim especificado na correspondência — para evitar omissões.

Júlio Mendes



Já no rescaldo das nossas festas pelo Centro apetece-nos dar balanço e, dando-o, temos de nos alegrar e dar muitas graças a Deus. Foi tudo melhor do que esperávamos.

O fim principal do nosso encontro pareceu-nos tê-lo conseguido. Foi um encontro de família irmanada pela mesma força — o amor. Demos testemunho de uma Obra que é afirmação desta mesma força. A força do amor de um homem que procurou e aceitou o sacerdócio para amar mais e melhor nesta Obra. Pai Américo, mais do que por palavras e discursos, testemunhou a sua vida por obras. O fim principal das nossas festas é darmos testemunho de seguir Pai Américo.

Demos e tivemos a consolação de receber. Somos muito felizes porque colhemos já muito fruto da nossa sementeira. Encontrámos as salas totalmente cheias. Cheias de vida, de ideal. Quem não tiver ideal não será capaz de entender as nossas festas. O entusiasmo das salas e as ceias (em algumas terras foram banquetes) que em toda a parte nos ofereceram são testemunho.

Não sabemos onde foi melhor. Coimbra apareceu duas vezes no Teatro Avenida; da primeira encheu até corredores e galerias; da segunda compôs bem a sala. Leiria esgotou-se e

no fim ficou presa ao palco. Tomar quis marcar de novo seu espírito de nobreza familiar. Figueira esteve cheia de seu bairrismo. Covilhã não ficou na sua fama de crise não regateou enchente. Fátima em peso aplaudiu do princípio ao fim. Castelo Branco foi muito além do que poderíamos esperar, pois a sua sala a maior. Cantanhede e Pombeiro (onde fomos a primeira vez) mas onde já contávamos com sua abertura pelos Amigos que lá temos) foram dum carácter especial. Lousã esteve bastante presente, mas houve muita ausência das pessoas que na sociedade se dizem gente-bem.

Materialmente o fruto foi muito bom. Bilhetes e mimos escondidas nas capas deixaram-nos muito pão. E continuamos a colher pelo ano adiante.

Terminámos as festas muito animados. A nossa assistência esteve com alma e criou clima de calor espiritual e familiar.

Padre Horácio

Visado pela Comissão de Censura



# Trabalho

A «Johannisberg» completou 12 anos. E deu forma a quinze milhões de exemplares de «O Gaiato» — que alimentaram a alma de milhares de leitores.

Fez uma grande parte da sua história. Mas ainda não atingiu o grau de invalidez. Doze anos de trabalho ininterrupto, mais a série de Rapazes nossos que adestrou tènicamente — muitos deles já hoje lançados na vida — são garantia de boa construção. Precisava, agora, lhe acudissemos com órgãos novos — e uma reparação geral.

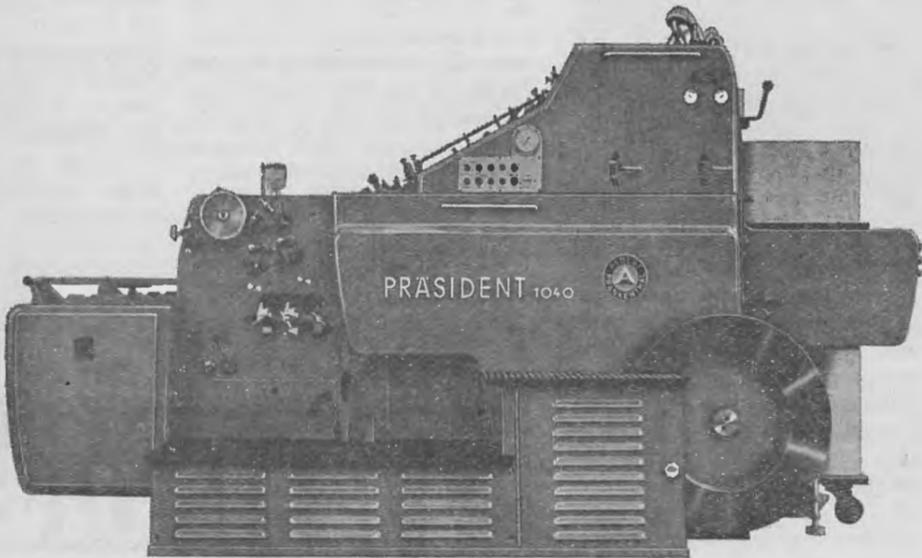
Entretanto, como a nossa Tipografia de Setúbal — que serve de Escola a um grupo de moços sorrindo para a vida — não tem máquina plana de impressão automática, optámos pela solução mais económica e oportuna: adquirir uma nova unidade para o «Famoso» e proceder à reparação imediata da «Johannisberg» — com destino a Setúbal. Evitámos, assim, dois onerosos investimentos, ou seja a aquisição espaçada de duas novas unidades.

A Tipografia de Paço de Sousa dá uma pálida ideia de fábrica de máquinas tipográficas! Numa secção, um sem número de peças da «Johannisberg» — em fase de rejuvenescimento. Noutra, a montagem da

«PRASIDENT», procedente da Alemanha; e a cuja transacção a firma Polónio Basto & C.a, sua representante no nosso país, deu a melhor colaboração.

Inserimos no contexto fotografura das feições da «PRASIDENT». Robusta, grandiosa, cujo funcionamento acompanha o progresso técnico dos

Claro, vai ter dificuldades. Ninguém nasce ensinado, pois são raros os «meninos-prodígio». Mas os seus 19 anos, como em outros casos idênticos, não-de ser fermento de maioridade. Ainda que (como foi há anos...) cause escândalo um moço da sua idade ocupar um lugar de tanta responsabilidade, em uma



nossos dias. Esta é a primeira edição do «Famoso» impressa na nova unidade, pelas mãos de Américo Correia, sob a orientação do encarregado da montagem. Américo anda pelos 19 anos. Mas tem sido aplicado. Tanto, que mereceu abrir o activo no trabalho da magnífica «PRASIDENT». Venho agora de junto dele. Risonho, como sempre. Olhos vivos, penetrantes. Em volta é um conjunto de latas d'óleo. «Bebe em cheio!...» E não larga o seu lugar, enquanto o técnico procede às últimas vistorias e afinações.

## LOURENÇO

Cont. da 1.ª página

capaz de criar uma atmosfera de colaboração serena e frutuosa entre as classes sociais na edificação da cidade terrestre.

Esboçado está, certamente, o apoio que o Gabinete de Urbanização dos subúrbios vai prestar ao indígena. As soluções adoptadas terão de ser muito prudentes por via do jogo de atracção ou repulsa que podem denunciar ou suscitar. Mas não deverão ser outras que

as justas. Poderão reconhecer o direito à terra onde tantos nasceram antes que ninguém lhe chamasse sua? Haverá lugar para aqueles que com o seu esforço e economia desejam construir a sua casa? Esses merecem uma consideração especial. Quanto não valem?! Sobretudo, que haja lugar para eles, no coração de quem vai traçar no papel o que do chão vai ser rasgado, sem rasgar mais nada.

Padre José Maria

MARQUES



TRANSPORTADO NOS AVIÕES DA T. A. P. PARA ANGOLA E MOÇAMBIQUE

máquina nova — e caríssima. E que elas são para eles. E não o inverso. Aqui está!

Em suma: enriquecido o nosso equipamento oficial (Só a Tipografia de Paço de Sousa, ao longo de quase 20 anos, investiu a passar de 3.000 contos em seu património) é oportuníssima uma chamada em circuito fechado, para frizar o dever elementaríssimo dos beneficiários directos da «PRASIDENT» (e, quem diz desta, de todas) continuarem a abrir os olhos da cara e, sobretudo, da inteligência — secundados pela vontade de mais e melhor. Andámos muito? Ninguém duvida. Mas é necessário, incontestável, andar ainda muitíssimo. Está em nossas mãos. Nas minhas, nas tuas — de todos. A nossa Oficina de Paço de Sousa faz no próximo Setembro 20 anos. Permita Deus que, apesar das naturais limitações, sejamos dignos dessa data. E possamos não só corresponder melhor ao objectivo específico da Oficina como também aos nossos amigos — espalhados pelo país inteiro — que nos solicitam trabalho; e ao próprio trabalho da nossa Obra. Aqui temos um grande plano de acção!

Júlio Mendes

## Cantinho DOS RAPAZES

Neste número do nosso jornal, que recorda em termos positivos de alegria o nascimento de Pai Américo para o Céu, como sempre fizemos desde o primeiro aniversário, não destoia que discorramos um pouco sobre a alegria e o dever de a procurarmos.

É uma qualidade preciosa — já o temos lembrado — uma cara sorridente! De quantas se livra o nosso servente de mesa, por causa do sorriso que nos desarma, quando nos zangamos! Como ele tem o segredo de apagar tantas faltas de eficiência, naturais na sua pouca idade, ao proporcionar-nos com um ar feliz pequenos obséquios!

A alegria contagia, dispõe bem os mal dispostos, desfaz más-caras, ajuda a dar e a aceitar observações precisas, até para abater o nosso amor-próprio.

Quem já viu um teimoso a teimar sozinho? Quem assistiu a uma discussão sem dois contendores? Se um destes reconhece e confirma as razões do outro, acabou a discussão e refaz-se a paz.

Muitos dos nossos problemas de convivência resultam duma atitude de mal-encarados. O que está na base?... Eu sei lá...: orgulho, ciúmes, egoísmo, comodismo... — decerto nada de virtude!

O bem-disposto, mesmo que não tenha espírito de humor, é sempre uma presença saudável em qualquer sociedade. Que gostoso estar à mesa com quem tempera a refeição de

ditos engraçados que ajudam à satisfação de todos os convivas! Que agradável, outro dia, em viagem para o Porto, a lembrança de uma das nossas Festas passadas que um ia desbobinando de ponta a ponta, com gáudio de todos! Pelo contrário, o aborrecido aborrece; cava em volta de si um fosso. Má-cara gera má-cara. E quando nós temos os olhos cinzentos, vemos tudo dessa côr.

Naturalmente quem não tem momentos destes e às vezes com reais motivos?! Porém, de que serve a «tristeza, se ela não paga dívidas»?.. E quantas mais razões nos não sobram para a alegria, se Deus nos dá saúde, tudo o que é essencial à vida, até amor sempre oferecido, embora às vezes se lhe não toque?! Se quisermos ser justos e nos prendermos saudavelmente aos dons positivos que Deus nos fez, em vez de às deficiências que também encontramos — faltar-nos-á fundamento para a tristeza e depressa sentimos a necessidade e o dever de substituir o cinzento pelas cores vivas, contrastantes, da realidade. Recobrada a nossa alegria reencontramos de novo o gosto de viver e a coragem para lutar por uma vida melhor. E a nossa força empurrará outros; e a nossa alegria comunicará alegria — e quantos problemas, só por via dela, deixam de o ser!

No meu último Retiro, o grande «pregador» foi S. Pio X, com a sua vida simples e alegre. Fez-me tão bem, ter de sorrir dos meus problemasecos

# AQUI, LISBOA!

Cont. da PRIMEIRA página

Um problema que se põe, aliás colidindo com as idades mínimas apontadas, é o da obrigatoriedade actual do ensino da 5.ª e 6.ª classes ou equivalente, sob pena de fazer gorar a finalidade do alargamento de escolaridade. Há muitos menores que deveriam frequentar as escolas e já trabalham, o que nos parece uma contradição. Para lá da falta de cobertura evidente de todo o território com escolas, em ordem à concretização do pensamento dos legisladores, há que ter também em conta a deficiente visão dos familiares, procurando o mais rapidamente réditos para o agregado familiar, à custa do trabalho dos menores, esquecendo que o investimento realizado com a educação é o mais produtivo. Infelizmente, e em não poucos casos, há que ter em vista a premência de dificuldades económicas, de acordo com o nosso baixo nível de vida. Pelo que se conclui não ser só necessário legislar, mas educar e dotar as leis de condições de exequibilidade.

Um sector onde o trabalho dos menores, como aliás o de adultos, se realiza em condições ainda primitivas é o rural. Admitido o equilíbrio dos diferentes ramos de actividade económica, nas suas justas e salutaras proporções, há que rever muito a legislação de trabalho que lhe diz respeito. Se para muitos, cultivar o campo é a arte de empobrecer tristemente — não dizemos alegremente! — trabalhar no campo, nos tempos que correm e nas condições vigentes, será em muitos casos, a arte de voltar aos tempos da pedra lascada e de se cafirealizar. Bem, mas nós queremos apenas tocar, embora ao de leve, no que diz respeito ao trabalho dos menores, aquilo que possa ser «nocivo» à sua saúde ou à educação, ou que entrave o seu desenvolvimento físico, mental ou moral!

x x x

Quando lerdes estas letras já estarão na nossa casa de S. Julião da Ericeira os primeiros Rapazes. Este o recado que queria dar-vos ao terminar...

Padre Luís

quando ele, Vigário de Cristo, envolvido por dificuldades tremendas, se não deixava afogar nelas, nem jamais deixou comprometer definitivamente o seu bom-humor! E mais recentemente, com que vigor o Santo Padre João XXIII impressionou os homens, justamente pela sua simplicidade e alegria!

Pois que o Senhor nos não falte com este dom e a consciência decidida do dever de o cultivarmos.